

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Kátia Vargas Abrucese

Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica

São Paulo/SP

2020

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Instituição: Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec) do Centro Paula Souza

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

A professora Kátia Vargas Abrucese é curadora do Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Dr. Carolino da Motta e Silva, em Espírito Santo do Pinhal/SP, criado em 2019, e, é professora-pesquisadora com projetos anuais de HAE (horas atividades específicas) na Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec), desde que ingressou no Grupo de Estudos e Pesquisas em Memória e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP), em 2018. A professora tem apresentado trabalhos em eventos de memórias institucional.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Local da entrevista: online, pelo *teams*

Data da entrevista: 11 de setembro de 2020

Técnico de gravação: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Duração: 38 minutos e 51 segundos

Número de vídeos: um

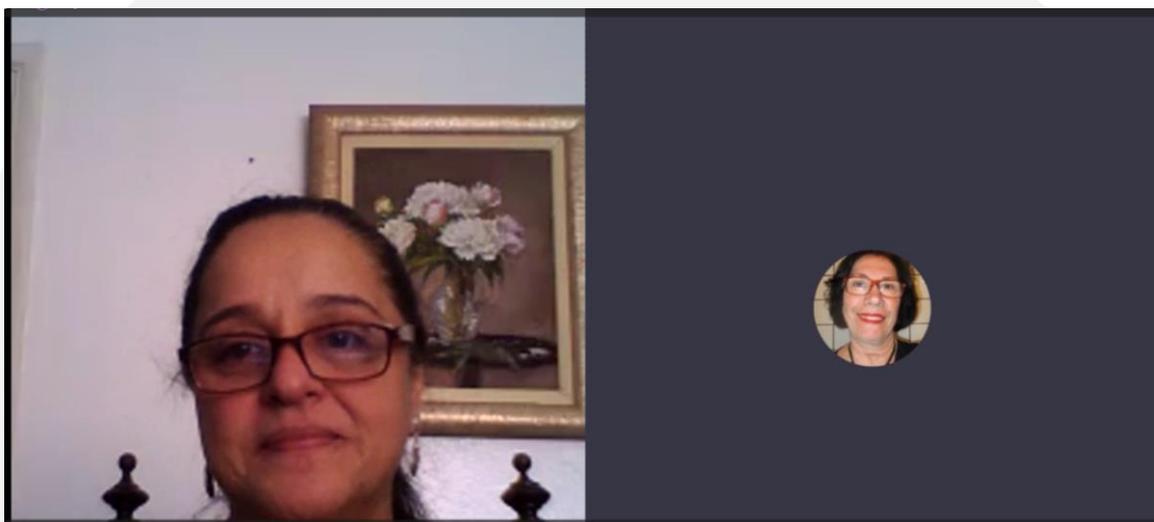
Transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Número de páginas: 18

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, que vem sendo realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, criando um volume

específico e denominado “História oral na educação: docentes em centros de memória” com a participação de curadores em centros de memória, proposto pela entrevistadora durante a pandemia do Covid 19, como teletrabalho institucional, e com as gravações realizadas pelo *teams*, com a proposição de difundi-las dentro do programa História oral na Educação no site de memórias, em percurso histórico. Informo que a imagem da entrevistadora não aparece, exceto como foto de 2013, devido ao Computador pessoal da marca Acer, embora novo, apresentar problemas entre o drive e a câmera, identificado durante o trabalho remoto na pandemia, conforme indica a imagem a seguir:



Entrevista realizada online, pelo teams, em 11/09/2020.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: de 15 a 18 de março de 2025

Nome da transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Retorno da colaboradora: 7 de abril de 2025.

Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC): Kátia Vargas Abrucese, eu agradeço muito você estar concedendo essa entrevista hoje aqui para mim, Maria Lucia Mendes de Carvalho. Hoje que é dia 11 de setembro de 2020, entrevista esta, para o nosso Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, principalmente porque você professora Kátia, é a curadora do Centro de Memória, não só curadora, como a criadora do

Centro de Memória, embora esteja conosco há pouco tempo no grupo de pesquisa. Mas, desde o início, você é uma entusiasta e rapidamente conseguiu articular à comunidade escolar, para liberar espaço e para criar o Centro de Memória. Eu gostaria muito, nessa entrevista de história oral de vida, que você nos contasse sobre a sua trajetória enquanto professora, onde você nasceu, como é que foi o seu período de escola, de formação, se foi mesmo em Espírito Santo do Pinhal, se você chegou a estudar na Etec Dr. Carolino da Motta e Silva, como chegou a ser professora nessa escola, como decidiu por essa área de Artes, se teve algum professor que te influenciou e por isso você fez essa escolha. Então, é sobre essa sua história de vida que é importante para nós, professores, que eu gostaria que você contasse. (risos)

Kátia Vargas Abrucese (KVA): Está legal. Bom dia, Maria Lucia, é um prazer para mim estar aqui conversando com você, é um prazer estar nesse grupo maravilhoso, que eu tenho aprendido demais, nossa, muito bom mesmo, e me tornar uma pesquisadora (risos). Muito bom. Olha, Maria Lucia, eu nasci em Espírito Santo do Pinhal, eu estudei em escola pública desde o prézinho, na época, até o terceiro colegial, já me formei com 17 anos em Cardial Leme aqui, era uma escola maravilhosa, pública. Aí passei com 17 anos em três faculdades, e uma delas foi a PUC Campinas, e aí fui, com 17 anos, cursei a Educação Artística, na época. Sempre gostei de duas grandes coisas, de jogar basquete, apesar da minha altura, de jogar basquete e, de desenhar e pintar, sempre.

MLMC: Que ano você entrou na PUC?

KVA: Eu entrei em 81, 1981, foi o ano que eu me formei mesmo, no terceiro colegial.

MLMC: Você jogava no time de basquete?

KVA: É, da Comissão Pinhalense de Esportes (risos). Não tenho muita altura, não, mas eu era muito rápida, viajei muito com a comissão, muito gostoso. Mas nossa, aí a minha mãe ficava brava comigo porque eu só pensava em bola, ela falava assim: - bom, então o castigo da Kátia é só tirar a bola. Ai, nossa, eu queria ter um negócio. Bom, mas enfim, fui para a área de Artes, aí fiquei em Campinas. Morei em Campinas durante sete anos, quis fazer um intercâmbio para a Itália na época, mas claro, de última hora não consegui, de fotografia. Eu gosto muito de fotografia também. Aí acabei, meu pai adoecendo, eu ter que vir para Pinhal, e nesse meio tempo, em 88, a escola agrícola me ligou, que tinha algumas aulas de Artes, e se eu não queria dar aula, que eu já estava formada, tudo. Aí vim, vim para Pinhal, eu morava

em Campinas, vim para Pinhal, e aqui fiquei, voltei. Voltei e fiquei, de 88 na agrícola até 93. Aí como surgiu aquela história da escola padrão, eu acabei fazendo a opção, porque a gente estaria assim, ficando só em uma escola, que era uma loucura. A gente tinha professor que fazia em três, quatro, cinco escolas, era uma loucura. Quase uma, uma por dia, sabe? Escolas diferentes durante a semana, era uma verdadeira. Aí eu fiz a opção, eu já estava em quatro escolas. E aí eu fiz a opção para ficar em uma só e ganhar 30% a mais. Aí eu acabei ficando na escola padrão e deixei a agrícola. Em 94, ela sai da Secretaria de Educação para o Centro Paula Souza, e eu volto depois, acho que foi em 2004, numa substituição, fiquei dois anos. Em 2008, eu voltei e aí já fiquei. Estou lá até hoje e pretendo, assim, ficar bom tempo ainda. Quando foi há dois anos...

MLMC: Mas agora você é indeterminada?

KVA: Sou, sou indeterminada. Há dois anos, eu tomei pé desse projeto, de vocês, do Centro Paula Souza. E eu vendo aquela escola, como há muitos anos eu já conhecia, e aí eu fiquei olhando aquelas coisas todas, eu falei: - Senhor da Glória, como é que nós vamos fazer para esse negócio aqui não ruir de vez? Vamos ter que fazer alguma coisa, aí foi que eu pedi para o meu diretor um aval para eu fazer alguma coisa desse gênero, que era salvaguardar a memória da escola. Aí fui e mandei para você o HAE. Todo o objetivo do qual queria, do que eu pretendia. Muito crua, porque nunca tinha me aventurado a uma coisa dessa, aí eu falei: - meu Deus, me ajude. Apanhei bastante no começo, porque o meu viés de olhar as coisas, não é como historiadora, é como artista. Então eu focava muito mais na parte artística do que na parte de historiadora.

MLMC: Você conheceu até o grupo através da professora Vera Vecchiarelli, não foi?

KVA: Foi, foi.

MLMC: Porque eu lembro que ela conversava comigo assim, ela falava assim: - olha, tem uma professora, eu acho que ela teria que vir trabalhar conosco. E daí eu falava assim: - faz o convite, faz o convite. Eu falei, até porque a escola dela é a primeira escola agrícola de 1935. Eu falei assim: - eu tenho um sonho com aquela escola. E daí foi uma alegria você ter vindo trabalhar conosco.

KVA: Nossa, que bom, eu fico muito contente, Maria Lucia. Assim, espero estar fazendo as coisas a contento. Mas olha, a gente aprende, a gente vai aprendendo conforme a música

toca, a gente vai dançando. (risos) Mas então, estou amando fazer esse trabalho, tenho descoberto muita coisa, muita coisa. Inclusive, numa entrevista que eu fiz, assim, informalmente, com a neta de um ex-aluno da escola, ela vai e me mostra este livro: olha que maravilha.

MLMC: De 1937.

KVA: De 1937, nossa, foi um achado, porque aqui a gente foi desenvolvendo, desenrolando e eu perguntando: olha, foi uma coisa maravilhosa. Aí ela mostrou para mim jornais que o avô dela compilou e encadernou, sabe? Fantástico, fantástico. Então, eu colhi muito material. Para esse outro artigo, esse último artigo aqui sobre o primeiro diretor da escola, que permaneceu durante 30 anos, ele se aposentou ali. Nossa, os feitos desse homem foram fantásticos. Inclusive, eu acabei entrevistando a neta desse diretor.

MLMC: Como é que é o nome do diretor?

KVA: Professor Coelho. Francisco da Silveira Coelho. E aí ela foi contando uma porção de coisas e no meio dessas coisas, olha, veja bem, muito interessante: - o presidente Eurico Gaspar Dutra, juntamente com o seu ministério, através de um amigo, que era pinhalense, veio para Pinhal no dia 25 de agosto de 1949. Olha isso, para, como fala? Fazer...

MLMC: Inauguração.

KVA: Uma inauguração, isso. Da praça onde tinha o busto do Duque de Caxias. Está aqui ainda. Maravilhoso. Um busto realmente artístico.

MLMC: E quem fez esse busto? Foi algum artista local?

KVA: Não, não. Não foi o local, não. Eu não estou me recordando agora o nome do artista, mas eu vou procurar saber e te falo. Então, veio ele e os ministros todos, Chefe da Casa Civil, Ministro do Trabalho, Ministro da Marinha, Ministro da Guerra.

MLMC: E isso você tem fotos?

KVA: Tenho. Tenho fotos.

MLMC: Em matéria de jornal, é isso?

KVA: Em matéria de jornal e fotos mesmo. Fotos. Do qual eu também vou fazer aí... Melhor, eu coloquei no meu artigo as fotos.

MLMC: Ele chegou a visitar a escola?

KVA: Então, a foto que está lá é na escola, no bosque da escola. Está o presidente, está o governador, está o diretor da escola e os ministros todos atrás. É fantástico, né? Então, Pinhal não pode deixar morrer toda essa história. Então, por essas e outras histórias, é que eu venho aí trabalhando com... Nossa, com muito prazer mesmo, para estar divulgando essa riqueza que nós temos aqui, que tivemos outrora e espero que a gente consiga fazer alguma coisa para salvaguardar mesmo essa história.

MLMC: Uma coisa que a gente precisaria fazer aí, eu sei que não é tão simples, mas envolver algum professor da área de agricultura, como é o Paulo Sacchi, lá em Mirassol, para trabalhar um banco de sementes.

KVA: De sementes? Eu andei conversando, a gente fez uma reunião no começo do ano, que eu expus o meu trabalho e coloquei das sementes crioulas, lembra?

MLMC: Isso.

KVA: Você mandou, e aí, como estávamos todos na reunião, os agrônomos, os veterinários, todos, aí eu falei sobre esse trabalho: esse projeto, que seria muito importante, para que a gente também pudesse dar uma alavancada na própria escola.

MLMC: Por que estou te perguntando isso? Assim, até eu propus para o ano que vem, como a Sueli (Sueli Mara Oliani de Oliveira Silva) também é da área de Artes, ela tem mais de 80 sementes. Esse catálogo das sementes só com as fotografias, eles estão no nosso site, no link em Centros de Memória, no Centro de Memória de Mirassol. Mas ela vai ampliar esse trabalho para produzir um catálogo, até um e-book artístico.

KVA: Nossa, maravilha!

MLMC: Por isso, assim, daí ela começa o ano que vem e, de repente, é a hora que começar a fazer esse projeto. Porque daí a gente vai criando os e-books.

KVA: Sim, sim.

MLMC: E a questão das sementes, elas têm relação com o local, com a região, com o solo da fazenda.

KVA: Eu estou tentando, viu, Maria Lucia? Você não fica triste, não.

MLMC: Não, a gente vai de grão em grão (risos). Sem dúvida, sem dúvida.

KVA: Mas é isso, essa minha trajetória aqui de vida está sendo gratificante, muito.

MLMC: Eu percebo que você também envolve os alunos pelas fotografias no seu relatório. E como é que é esse trabalho com os alunos? Como é que eles se sentem?

KVA: Olha, quando é segunda-feira, agora. Segunda, não, quarta-feira. Quarta-feira, um dos meus pupilos, monitores, falou assim: - professora, que delícia, eu precisava, eu preciso... Porque eu, mesmo remotamente, eu tenho colocado algumas coisas para eles do que eu estou fazendo. Então, a gente montou um grupo no *teams* para poder a gente conversar um pouco. A gente marca um horário para a reunião e a gente conversa a respeito disso. E aí ele falou: - professora, eu não estou acreditando que esse vai ser o meu último ano. Eu falei: - não, por isso não, vai. Você pode continuar? Mesmo...

MLMC: Exatamente. Porque futuramente a gente precisa criar umas associações de amigos do Centro de Memória.

KVA: É maravilhoso, então, e eles disseram: - professora, a gente não quer deixar. Aí teve um ex-aluno meu que sabia, quando ele saiu da escola já há três, dois anos, dois anos ele saiu da escola, eu estava no início desse meu projeto. E aí ele veio me entrevistar, pediu alguns dados para colocar no TCC dele, sabe. Então, eu achei uma belezinha. Aí eu pedi para ele, quando terminasse, mandar para mim. Para eu ver, porque ele está fazendo história.

MLMC: Uma coisa que seria interessante é verificar a possibilidade de escanear esse livro que você tem.

KVA: Ah, sim.

MLMC: Porque daí a gente coloca no seu Centro de Memória virtual. Porque daí dá para você trabalhar com os alunos, quando você... Ele fica de documento escaneado, como ele é institucional, a gente pode fazer isso. Não precisa pedir autorização para ninguém. É verdade. Tem algumas coisas que são superinteressantes, mas como não é institucional, a pessoa tem que consultar no Centro de Memória. Mas o que é institucional? E mesmo... Eu mesmo, esse livro que a Júlia (Júlia Naomi Kanazawa) utilizou agora no nosso último Clube de Memória, que eu comprei no sebo, porque eu fico procurando, sabe? Eu fico procurando sempre no sebo online. Foi assim que eu achei várias coisas. Mas daí eu achei tão importante aquele livro, que é a criação do curso técnico na Getúlio Vargas. Você vai ler, você vai ver. E é uma proposta que também ele fez em 37, para envolver os sindicatos, para envolver as empresas. Por isso que o Horácio da Silveira é homenageado pelo Senai. Porque ele foi um precursor para envolver as empresas para a formação do trabalhador.

KVA: O trabalhador, não é, gente? É fantástico. Fantástico.

MLMC: Então, se você tiver algum pupilo, tiver a possibilidade, você escaneia, vai ficar em PDF, e a gente coloca no seu link do Centro de Memória.

KVA: Perfeito, farei isso.

MLMC: Agora, conta mais da sua atividade como professora, das turmas.

KVA: Olha, assim graças a Deus eu tenho um bom contato com os alunos. A gente fala a mesma língua. Então, é fácil você envolvê-los naquilo que você está pensando. Claro, não é a maioria, mas são pessoas que têm um olhar diferente, têm gosto pelo que fazem. Então, eu vou me envolvendo com eles assim: por dar Artes, eu sou um pouco... Como é que eles falam? Ah, professora, você é meio doidinha. Não, só um pouquinho, pouca coisa. É pouquinho coisa. Mas eu acho que é pelo próprio jeito de vida mesmo, de encarar as coisas, a gente vai deixando as coisas um pouco mais suaves. Então, eles acabam...

MLMC: Conversar em cultura é impossível, quando eu vejo tirarem a verba da cultura, como a gente está passando atualmente, é uma tristeza, porque a cultura te permite refletir. Eu acho que é por isso que os alunos gostam de Artes como você falou.

KVA: Eles se envolvem.

MLMC: Porque eles têm vários caminhos.

KVA: Sim, vários.

MLMC: Tem diálogo, não é?

KVA: Sim, a gente para ouvir. Infelizmente, tem muitas professoras que acabam não fazendo isso. Não parando para ouvir os anseios. Claro que a gente não vai abrir, mas que dê um norte para que eles consigam se situar no espaço e no tempo, porque está difícil. Hoje, quando a gente se reúne pelo *teams*, eles falavam para a professora como está difícil. Eu falei: - olha, gente está difícil, mas vai melhorar. Nós não podemos perder a esperança que as coisas melhorem.

MLMC: Até porque nós não temos outra saída nesse momento. Não, se você sair à rua, você está se arriscando.

KVA: Exatamente. Então, respondo, colocando você e outras pessoas em risco. Exatamente. Então, a gente tem que ser cautelosos para que as coisas acabem bem.

MLMC: Eu acho que ainda bem que a Paula Souza já tinha parceria com a Microsoft. Então, nós conseguimos, com todas as dificuldades que cada um de nós tem com a tecnologia, porque se a gente não estava utilizando isso de forma rotineira. E, mesmo a própria Microsoft, eu lembro que eles foram também melhorando o *teams*, até agora, e continuam trabalhando dessa forma.

KVA: Olha, é fantástico. Eu estou gostando, porém é cansativo, claro, porque a gente não tinha, eu não tinha, essa coisa do computador. Eu gosto mais de mão na massa, vamos, faz e tal. Aí a hora que você para, é obrigada a parar, e dá um opa, agora vou ter que encarar isso aqui, quer dizer, é mais um aprendizado, é mais um desafio da gente estar tentando aqui se organizar, para poder conseguir fazer com que eles se sintam motivados ainda para produzir, para aprender. Não está sendo fácil, mas...

MLMC: Então, eu imagino, eu tenho conversado sobre isso com os professores. Você, por exemplo, quantos por cento participam da sua aula?

KVA: Então, as classes que mais participam, nós temos quatro cursos integrais, que são: Agropecuária, nós temos a Informática para internet, quatro, não, três, e Meio Ambiente, só esses três. Aí são quatro turmas por ano que entra, tá. Os que mais entram são segundo e terceiros anos, de Informática para internet e de Meio Ambiente. O Agropecuário são dois, três. Os outros são mais, dez, doze, o Meio Ambiente chega até uns quinze, entendeu? Mas não mais que isso.

MLMC: Principalmente por quê?

KVA: Não imagina, principalmente porque os alunos, os pais perderam o emprego, estão saindo para procurar emprego para poder ajudar em casa. Sabe? Então, nós temos, assim, uma gama de situações que é complicada. Então, como fica gravado, as aulas, os links que a gente coloca de vídeos e textos, eles podem acessar à noite quando chegam em casa.

MLMC: Então... Era isso que eu ia te falar, você sabe, porque, assim, antes de começar a trabalhar com memória, eu trabalhei dez anos com segurança alimentar. E nesse período, assim, tinha parcerias, visitei escolas agrícolas. Como eu sou engenheira agrícola, era um prazer trabalhar nessa área. E o que eu sentia nas escolas agrícolas era dificuldade, realmente. Assim, os alunos vinham para as nossas escolas, mas eles tinham problemas financeiros; às vezes, inclusive, tinha problemas até de transporte. Assim, para ele chegar na escola, era só aquele horário. Se não estivesse ali naquele horário, não tinha.

KVA: E vou te falar uma coisa, Maria Lucia. A gente abriga 160 alunos internos. Porque aqui nós temos, tanto feminino quanto masculino. Nós temos, aqui pela região, muitos alunos que não têm condição de pagar os ônibus fretados para chegar até a escola por ser uma fazenda. Então, nós temos, assim, 160 alunos esse ano, que estão fazendo, nossa, um sacrifício imenso, porque os gastos em casa ficaram maiores. Porque não estão mais na escola, e assim, a alimentação, o dormitório, ficava mais barato para os pais. Agora, eles retornando para casa, o gasto com comida foi maior. Então, muitos têm que realmente ir trabalhar para ajudar em casa. Olha, são situações assim, que nem o Centro Paula Souza, disponibilizou os chips, porque tem alunos que não têm internet, tem o telefone, mas não tinha internet. Tem vários alunos nossos que moram na roça, e não chega, não dá, não tem cobertura.

MLMC: Eu cheguei a vivenciar, na época que eu estava no Programa Mais Alimentos, era um projeto grande, envolvia a CATI (Coordenadoria de Assistência Técnica Integral) proposto inclusive pela Embrapa, e envolvia o Centro Paula Souza. E eu cheguei a visitar vários

municípios que estavam envolvidos no projeto, e um deles, o Paula Souza abriu uma escola no período da tarde para um curso de Agroecologia, tipo descentralizada, ocupando uma escola pública para oferecer o curso. Então, montou tudo, ficou tudo certinho. Estranharam numa visita que eu fiz, o secretário falou assim: - não, acho que não teve nem cinco inscrições. Ele falando comigo. Eu falei: - mas não é possível, aqui é uma região agrícola, qual é o motivo? Olha o motivo: - o ônibus só passava de manhã, e depois voltava à noite. O período da tarde não tinha ônibus. Quer dizer, quem planejou o curso lá? Isso envolve o governo local.

KVA: O planejamento local, sem dúvida.

MLMC: Não percebeu isso, quer dizer, a escola tinha disponibilidade no período da tarde para ser descentralizada, mas os alunos não tinham transporte. Então, são N dificuldades, inclusive, eu me espantei nessa época, porque a gente fica só na capital, na cidade, você não tem noção, mesmo em São Paulo, a gente tem bolsões de pobreza, a gente tem dificuldades enormes, e que precisam ser superadas.

KVA: Pois é, é uma briga isso. Mas aqui a gente tem feito, o nosso diretor vai até as cidades vizinhas e conversa com o prefeito para ver a viabilidade de um transporte um pouco mais em conta para os alunos e bolsa transporte para quem não tem condição mínima de pagar. Então, a gente vai trabalhando desse jeito, mas é um custo, nossa!

MLMC: Mas eu acho importante esse registro, porque é o seguinte: - quando a gente estuda história da educação, eu me lembro que Horácio da Silveira, que foi diretor da Carlos de Campos, ele veio em 1923, e depois foi nosso primeiro superintendente. Ele, em 1918, ingressou como diretor na escola de Amparo. E ele foi negociar com a empresa ferroviária para os alunos não pagarem para poderem vir para a escola.

KVA: Para a escola!

MLMC: Não sei te dizer se é uma escola agrícola, não é bem uma escola agrícola, é um liceu. É um liceu.

KVA: Isso. Amparo é um Liceu...

MLMC: E depois, logo em seguida, como eu trabalho no campo da alimentação e nutrição, as minhas pesquisas, eu até no primeiro artigo que eu escrevi sobre o Horácio da Silveira, em

2010, que está no nosso primeiro livro, eu fiz questão de colocar a questão da sopa escolar. Porque os alunos passavam o dia inteiro na escola e eles tinham que comer. Então, o Horácio da Silveira começou a promover a sopa escolar lá, tudo articulado. E daí está escrito assim, com a sopa escolar, vinha dois quilos de pães (risos). Eles comiam muito pão, era uma época de desnutrição, e daí quando a gente conversa hoje, que nem eu contei um caso, você contou outro, a gente percebe que nós continuamos com uma série de dificuldades, ainda referente às mesmas coisas: alimentação escolar nas escolas, transporte, e a dificuldade das famílias, e a necessidade das famílias de que seus filhos estudem, para manter essas crianças no campo, ainda mais agora com essa mudança no mundo do trabalho, que cada vez é menor, então a gente tem que buscar outras saídas.

KVA: É, sem dúvida. O que eu posso ajudar, nossa, eu estou lá, eu sempre estou acudindo um, acudindo outro, vamos lá, professores vão fazer isso, vão fazer aquilo, e a gente vai trabalhando. Porque, nossa, você vê, como eu dou Artes, na época, em 88, quando eu entrei no agrícola, eu trabalhava com eles assim, bimestralmente, mais atividade prática do que propriamente a história da arte, como a gente faz hoje. Então, eu ensinava para eles, selaria, né? Coisa de selaria, corda, barro, tudo que a gente tinha ali, entendeu? Para poder ir trabalhando com as coisas da terra. E madeira, esculpia, montava, a gente, aliás, nós temos até hoje desativado, né? Porque agora ninguém pode fazer nada, porque é trabalho, né? É trabalho, então é um negócio meio complicado. Mas, na época, a marcenaria, a gente cortava na serra de tico-tico, sabe? Olha, era maravilhoso.

MLMC: Eu imagino, e eu entendo o que você está falando, porque, assim, eu fiquei um ano e meio em sala de aula com os alunos na Carlos de Campos, depois que eu fui para a coordenadoria, trabalhar com professores. Mas, esse um ano e meio, que eu fiquei em sala de aula foi extremamente rico, porque, assim: - eu também sou do fazer. O currículo é fundamental, eu acho que ter política pública nacional de educação é fundamental. Agora, o currículo não é uma camisa de força, o currículo, eu acho, ele nos orienta. Então, vamos supor, eu tenho que falar de história da arte, eu vou falar de história da arte. Mas, nós somos muito do fazer. Mesmo eu, de tecnologia dos alimentos, assim, eu via a necessidade dos alunos, o que o mercado estava precisando do técnico de nutrição, eu ficava, todo ano, eu ficava propondo práticas que tivessem relação com a empregabilidade. Porque os nossos alunos vão fazer curso técnico, porque eles querem trabalhar, né? Então, eu ficava dosando, sabe, entre prática e teoria.

KVA: É para entender.

MLMC: Você tem que despertar o interesse do aluno.

KVA: Sem dúvida, aí nessa época, no ano seguinte, então eu ensinei, a gente fez, como é que fala? Moldura de macramê em espelho, a gente fez pêndulo para vaso, a gente fez cortina, nossa, eu fiz uma delícia. Na época a gente não fotografava nada, a gente não tinha nem celular, então tinha que levar a máquina, quem que levava a máquina? Ninguém. Hoje em dia, a minha ex-aluna, que mora na Holanda, a Marisa, ela era de Mogi Guaçu, é uma cidade perto aqui de Pinhal. Um dia ela chegou em casa, não em casa, ela chegou na escola, me abraçou, falou assim: - aí professora, eu vou contar para a senhora que os trabalhos que eu fiz aqui, que eu levei para a feira em Mogi Guaçu, fez a minha família ter o que comer durante a semana. Menina, mas eu chorei tanto, mas eu chorei tanto, falei: - nossa senhora, Marisinha, então vamos produzir mais não sei o que, aí a gente fez, sabe? Um monte de coisa, de trabalho extra, que eu acabava ficando um pouco além do horário de aula, acabavam as aulas, com eles fazendo uma macramê né? Para ela poder levar para a feira em Mogi Guaçu e ajudar a família dela. Hoje, graças a Deus, ela está super bem, mora fora do país, quando vem para Mogi Guaçu, ela vem para Pinhal, vai lá na escola e olha, é gratificante.

MLMC: E é por isso que nós continuamos professores. Eu também vejo isso, são pequenas coisas que nos motivam. Eu estou velhinha, mas eu não vou desistir (risos), porque assim, eu não sei se eu iria viver sem esse ambiente nosso.

KVA: É a coisa mais gostosa, é sacrificante, Maria Lucia? Por tudo, porque a gente, infelizmente, nós não somos bem remunerados. Eu fui professora da Secretaria da Educação também, me aposentei por lá. Lá eu fui professora e diretora de escola, diretora durante 13 anos. Mas, olha, eu vou falar um negócio para você: - eu sou apaixonada pelo que eu faço, então as pessoas falam assim: - mas por que você sabe pintar, você sabe fazer isso, fazer aquilo? Você podia estar muito melhor. Então, gente, eu não sei, o muito melhor financeiramente pode até ser, mas eu como pessoa, não vejo...

MLMC: Eu também gosto de trabalhar o coletivo, viu? Eu também. Eu gosto de estar no meio do pessoal, de estar trocando ideias.

KVA: É a história que tem, aí, briga, fala: - nossa, vocês hoje não querem saber de nada, não sei o que. E os alunos falam professora hoje, e eles falam: nossa professora, hoje a senhora estava brava, hein? Alguém tem que fazer alguma coisa? Eu amo o que eu faço, então... E

quanto ao grupo de pesquisa, nossa, gente, eu não me imaginava fazer isso, mas eu fui me apaixonando tanto, que eu estou aqui, assim, e não pretendo parar.

MLMC: E vira um hábito, você vê que cada vez que a gente vai escrevendo, assim, a gente vai melhorando. É um treinamento, por isso que eu sempre insisto. Eu começo com um pôster e depois eu falo: - vai escrevendo, vai escrevendo. Eu sei que a pessoa, ela... Até porque todo esse material, esse conhecimento que você tem, tem que difundir.

KVA: Sim, é muito bom. Não pode ficar guardado, não. As pessoas... Ninguém sabia quem era Carolino da Motta e Silva. Ninguém sabia. Tem um nome lá, mas e daí?

MLMC: Olha, eu adorei ter feito... Agora, assim que... Eu estou com dois ou três livros para sair. Estou com um na gráfica agora.

KVA: Que maravilha!

MLMC: E ainda bem. Eu sou sempre assim, quando põe na gráfica, eu já corro para organizar o outro.

KVA: O outro?

MLMC: É. E daí, eu acho que aquele evento que nós fizemos o ano passado, o do patrono, ele foi muito importante. Muitos professores ficaram gratificados e eu, principalmente, de ter toda essa história. Então, a gente tem muito o que fazer na instituição. O que é bom. Katia, eu vou ter que interromper a nossa gravação, porque eu, por causa que estipulei mais ou menos um tempo. Porque você, também, que trabalha com história oral, sabe quanto tempo a gente leva para transcrever, vou transcrever essa entrevista, vou te mandar os termos de autorização.

KVA: Obrigada.

MLMC: É um trabalho colaborativo. Então, vai ter alguns acertos, você vai fazer. É um trabalho com autoria. Mas eu agradeço muito você ter concedido essa entrevista hoje para nós, do Centro de Memória da Paula Souza.

KVA: É, mulher, eu que fico gratificada, viu? Gratidão eterna.

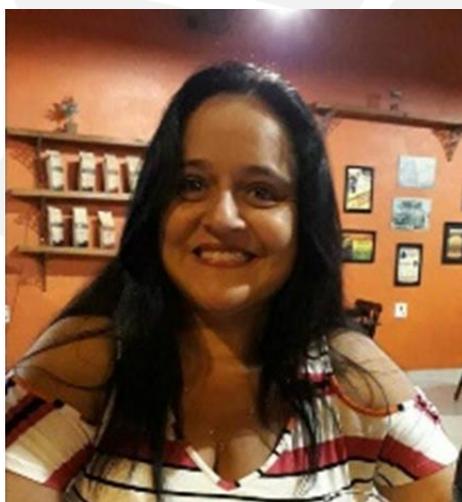
MLMC: Obrigada.

KVA: Obrigada, tchau. Tchau, querida.

Descritores

História oral na educação
Memórias do trabalho docente
Docentes em centros de memória
Etec Dr. Carolino de Motta e Silva
Técnico em Agropecuária
Técnico em Meio Ambiente
Técnico em Informática para a internet
Centro de Memória
Curador
Kátia Vargas Abrucese
Maria Lucia Mendes de Carvalho
Artes
Unidade de Ensino Médio e Técnico
GEPEMHEP

Dados Biográficos da Entrevistada



Katia Vargas Abrucese - Graduada em Artes Plásticas pela Puccamp (1984), em Pedagogia (1990), Pós-Graduação em Psicopedagogia (1994). Lecionou na rede estadual de ensino durante 28 anos, onde durante 15 anos atuou como diretora e vice-diretora de escola. Ingressou em 2008 na Etec Dr. Carolino da Motta e Silva onde ministra aulas de Arte e Filosofia no Ensino Médio Integrado e Ética e Cidadania Organizacional no Curso Técnico modular e atualmente é membro do Grupo de Estudo de Pesquisas em Memórias e Histórias da Educação Profissional (GEPEMHEP). Curadora do Centro de Memória da Etec Dr. Carolino da Motta e Silva desde 2019.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Maria Lucia Mendes de Carvalho - Pós-doutora em Museologia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutora em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiteno, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). Professora do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional (2020). É Coordenadora de Projetos na Unidade de Ensino Médio e Técnico no Centro Paula Souza (desde 2001), coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas

em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP). Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente. Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas (2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional (2015), Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017), Espaços, Objetos e Práticas (2018), Narrativas de Currículos, da Arquitetura Escolar aos seus Artefatos (2020), Concepções, Rupturas e Permanências (2021), Edifícios, Patronos e Diversidade na Gestão Escolar (2022), História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores (2023) e os e-books História Oral na Educação: memórias e identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização (2017). Fonte: CV: <http://lattes.cnpq.br/2330225376519419> Acesso em; 05 fev. 2025.

Anexos (documentos sigilosos e não ficarão aberto online ao público)

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Kátia Vargas Abrucese

Termo de uso de Imagem de Kátia Vargas Abrucese

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Kátia Vargas Abrucese